

Dossiê Metodologias de Pesquisa em Psicanálise: Caminhos, Paradoxos e Impasses

Pesquisar em posição analisante: a renovação da psicanálise e o ensino em Lacan

Vinícius Moreira Lima¹

Resumo

Este texto é um ensaio teórico-conceitual que examina a pesquisa em psicanálise a partir de sua relação com a divisão subjetiva do pesquisador, conectada com a causa de seu desejo, a qual pode ser explorada visando à renovação da psicanálise no âmbito do ensino. Levantamos a hipótese de que essa renovação no ensino está ligada à dimensão da pesquisa, desdobrando referências de Lacan, Miller e outros autores contemporâneos. Apesar da tensão destacada por Lacan entre o discurso analítico e o discurso universitário, o psicanalista não deixou de apostar no vínculo com a universidade, especialmente após maio de 1968. Em escritos tardios, Lacan introduz o significante “renovação” para pensar a transmissão da psicanálise na universidade, implicando que ensinar não é apenas a reprodução de um conteúdo dado, mas uma experiência em que cada um é forçado a inventar, colocando algo de si a partir de sua relação ao inconsciente. Assim, o ensino da psicanálise se sustenta em posição analisante, e não em posição de mestria, favorecendo sua renovação, bem como a transmissão de um ponto de causa daquele que ensina. Nesse contexto, a universidade pode ser uma “antena” para questões contemporâneas, mantendo a psicanálise em diálogo com os desafios de seu tempo. Nossa aposta é que, mesmo em meio ao contexto universitário, pesquisar em psicanálise envolve fazer uso da divisão subjetiva, sublinhando aí a posição de analisante do pesquisador, por uma relação com o próprio inconsciente, o que favorece a produção de uma enunciação nova a partir do elemento singular que causa seu desejo. Exploramos essa dimensão a partir de fragmentos de três testemunhos de passe nos quais a escrita da tese atravessou o percurso de análise. A posição do pesquisador-analisante aparece, então, como via para manter viva a transmissão e a pesquisa em psicanálise no século XXI.

Palavras-chave: Psicanálise, Pesquisa, Analisante, Discurso analítico, Discurso universitário.

¹ Psicanalista. Doutorando, mestre e graduado em Psicologia pela UFMG, com período de estágio sanduíche no Departamento de Psicanálise da Université Paris 8 (bolsista CAPES – PDSE). Professor do curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCM-MG) (Minas Gerais, Brasil). Participante da Nova Política da Juventude (NPJ) na Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e na Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4253-8154>. E-mail de contato: vimlima6@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um ensaio teórico-conceitual que examina a questão da pesquisa em psicanálise a partir de sua relação com a divisão subjetiva do pesquisador, conectada com a causa de seu desejo, que pode ser explorada visando à renovação da psicanálise no âmbito do ensino. Desdobramos, para tanto, referências ao tema encontradas nos trabalhos de Jacques Lacan, Jacques-Alain Miller e outros autores contemporâneos do campo. A hipótese que gostaríamos de sugerir é que essa renovação da psicanálise, que Lacan formulava pela via do encontro com o impossível no ensino, tem a ver, fundamentalmente, com sua dimensão de *pesquisa* – dimensão que o ensino convoca, mas não lhe é exclusivo, implicando aí uma dose de invenção em que cada um pode colocar algo de si para produzir uma enunciação nova quanto à psicanálise, a partir de sua própria relação ao inconsciente. Nossa aposta é que, mesmo em meio ao contexto universitário, pesquisar em psicanálise envolve fazer uso do elemento singular que causa o desejo do pesquisador, extraído de sua divisão subjetiva, favorecendo a renovação da psicanálise a partir da posição do pesquisador-analisante, uma das vias para manter viva a transmissão e a pesquisa em psicanálise no século XXI.

PSICANÁLISE ♦ UNIVERSIDADE

Lacan (1978) ficou conhecido entre nós por marcar a diferença, até mesmo a “antipatia”, entre o discurso analítico e o discurso universitário: o discurso universitário coloca o saber exposto no lugar de comando, a serviço de um desejo de mestria (de ensinar, por exemplo, a reproduzir um saber constituído), enquanto o discurso analítico trabalha com um saber suposto e age ativando a causa do desejo de cada um, que destitui os ideais do Outro do lugar de comando em uma vida e por isso subverte a dominação. Esse giro relativiza a crença no saber exposto, por estar avisado de que o saber que nos interessa é de um registro mais sutil, que permite a emergência pontual de um saber insabido, com seu efeito de surpresa deslocado de um saber prévio – visando a uma transformação na relação de um sujeito ao seu modo de gozar do inconsciente (Miller, 2008-2009/2011).

Mas a formalização dessa diferença de discurso não impediu a aposta de Lacan em seu vínculo. Talvez nem todo mundo saiba, mas, após maio de 1968, o psicanalista intensifica suas relações com a universidade e participa da fundação de um Departamento de Psicanálise na então Université de Vincennes (Centro Universitário Experimental de Vincennes), hoje Université Paris 8, em Saint-Denis (*Université Paris 8 Vincennes – Saint-Denis*). Esse Departamento continua a existir e acaba de comemorar 50 anos de seu funcionamento (1974-2024), oferecendo seminários de pesquisa, cursos, jornadas e encontros diversos como parte do percurso de formação no mestrado e no doutorado, sendo algumas dessas atividades abertas à comunidade, acolhendo também ouvintes e pesquisadores de diferentes lugares do mundo. Atualmente, cerca de 70% dos seus estudantes são estrangeiros, vindo de países como Brasil, Rússia, Alemanha, Itália, China, Irã, entre outros.

Em sua história, o Departamento sediou, notadamente, de 1981 a 2011, o Curso de Orientação Lacaniana conduzido por Jacques-Alain Miller – designado diretor desse

Departamento por Lacan em 1974 e tendo ali seguido nessa função por muitos anos. Nem sempre lembramos que os cursos de Miller (publicados atualmente em espanhol pela editora Paidós), bússolas na leitura de Lacan, foram ministrados num contexto fornecido pela pós-graduação, como cursos seguidos por mestrandos, doutorandos, pesquisadores e ouvintes das atividades do Departamento. Já o vínculo ativo desse Departamento com a Escola da Causa Freudiana (*École de la Cause Freudienne*) em Paris é também bastante palpável, algo que chama a atenção por atestar um laço possível entre a universidade e uma escola de psicanálise ou, pelo menos, uma aposta de transmissão do discurso analítico no espaço universitário.

Depreende-se daí que, ainda que a estrutura universitária imponha obstáculos mais definidos ao discurso analítico, pela natureza mesma de suas atividades (avaliações, créditos, exigências de percurso, demandas de produtividade etc.), nada disso impede que ela seja também um espaço de causar desejo pela psicanálise e, diga-se de passagem, um dos principais, tendo como horizonte a questão sempre atual ligada à perduração da psicanálise no mundo. Afinal, quanto ao discurso analítico propriamente dito, nunca temos a garantia de que ele compareça, não só na universidade, tampouco em uma escola e até mesmo em um consultório – já que os discursos têm a ver, antes, com agenciamentos contingentes que não se selam de uma vez por todas; pode-se sempre se deslocar de um discurso a outro, a despeito de suas próprias intenções. Isto é, em nome da psicanálise, pode-se reproduzir o discurso do mestre ou universitário; o discurso analítico preserva sua fugacidade.

Por sua vez, o conjunto de fatos tocados até aqui e seus desdobramentos ainda hoje evidenciam a escolha de Lacan em sustentar a presença da psicanálise na universidade; e ele mesmo, especialmente desde o contexto de maio de 1968, não recuava de “explorar” essa diferença entre os discursos analítico e universitário, colocando-a em jogo no diálogo com os estudantes, sem precisar dissolvê-la. O psicanalista acolhia as questões dos mais calorosos em sua militância, em um contexto de plena efervescência política, e provocava-os de volta, apostando no encontro com essa heterogeneidade a ser sustentada, mesmo que não se produza aí uma relação harmoniosa.²

A POSIÇÃO ANALISANTE DAQUELE QUE ENSINA

É em dois escritos lacanianos tardios, ligados ao contexto desse Departamento (“Talvez em Vincennes”, de 1975, e “Transferência para Saint-Denis?”, de 1978), que podemos ler uma pista de por onde passa a aposta de Lacan na relação da psicanálise com a universidade. Em ambos, destacamos seu uso do significante “renovação”. Em “Talvez em Vincennes”, por um lado, trata-se de que as “ciências propagadas à moda universitária” possam encontrar, na experiência analítica, uma “oportunidade de se renovar” (Lacan, 1975/2003, p. 316). Já em

² Podemos verificá-lo no registro do caloroso debate no primeiro de quatro “improvisos de Vincennes”, em 03 de dezembro de 1969, isto é, uma exata semana antes do início do *Seminário 17*, em cuja primeira lição Lacan (1969-1970/1992) faz referência a esse projeto, que alternaria com seu seminário. Tratava-se de uma atividade na Universidade de Vincennes, direcionada a seu público de estudantes, atividade que foi publicada como anexo ao final da edição do referido *Seminário*.

“Transferência para Saint-Denis?”, por outro lado, é o ensino da própria psicanálise que, “ao se confrontar a seu impossível”, “se renova” (Lacan, 1978, p. 278).

Nesse segundo escrito, Lacan (1978) afirma que “o primeiro passo na direção do ensino” mostra que “todo mundo é louco”, isto é, que cada um vive no seu próprio mundo, implicando que há um impossível *a* e no ensinar. Mas é justamente a confrontação com esse impossível que empurra a psicanálise adiante, convocando-a a se renovar. Pois como ensinar o que não se ensina? Uma pergunta-paradoxo que, mesmo formulada por Lacan tardiamente, em 1978, pode ser lida *a posteriori* como tendo orientado o seu próprio Seminário, sustentado desde 1953. Ela indica que o discurso analítico não se ensina como um manual e que, por isso, pode-se até mesmo repetir seus conceitos sem fazer sua experiência ou sem estar em sua lógica. O discurso analítico, por não ter “nada de universal”, não é “matéria de ensino” – e, por não querer dominar, “não ensina nada” (no sentido de que querer ensinar pode ser uma forma de dominar, fundamento da pedagogia). A solução de Lacan para evitar o engodo dessa dimensão pedagógica (de que seria possível educar alguém) passará por uma maneira particular de pensar o lugar do ensino da psicanálise, que não é só impossível, é também contingente; ele acontece, e é preciso inventá-lo.

Aqui, esbarramos no lugar do ensino em Lacan, não só o ensino de Lacan – termo que preferimos àqueles de obra, teoria ou doutrina –, mas Lacan ele mesmo como alguém que apostou em uma transmissão a partir de um ensino oral, inclusive sediado durante um bom tempo em universidades: após sua exclusão pela IPA (*International Psychoanalytical Association*, a instituição psicanalítica dominante na época, fundada por Freud), é a universidade que acolhe Lacan, em função de suas relações com Louis Althusser, passando a realizar seu Seminário na Escola Normal Superior (*École Normale Supérieure*) de 1964 a 1968 e depois na Faculdade de Direito da Sorbonne de 1969 a 1981. Esse é outro ponto que também nos caberia explorar: a universidade acolhendo aquilo que a instituição psicanalítica rejeita. Certamente que não se trata d’A universidade como uma generalidade, tampouco d’A instituição psicanalítica como tal, pois o que esteve em jogo foi uma circunstância específica envolvendo uma herança do discurso do mestre presente no funcionamento da IPA, bem como uma pequena brecha aberta no espaço universitário em função da aposta transferencial particular de Althusser no trabalho de Lacan.

Mas o ponto principal é que, mais além desse momento de crise, ruptura e transição institucional, Lacan quis, até o fim de sua vida, prosseguir ensinando no espaço da universidade, mesmo quando já dispunha de tantos seguidores que não seria difícil imaginar sua transposição física para outros espaços de ensino, como na sede de uma escola. Parece-nos legível, por essa via, algo do desejo de Lacan de ensinar nesse espaço heterogêneo, estratégia que tem como um de seus efeitos manter vivo o discurso analítico em função do encontro e mesmo do tensionamento com as diferenças que ali circulam.

Podemos depreender daí a aposta lacaniana de que a universidade possa alojar algo do discurso analítico e ainda contribuir para sua transmissão, a partir da renovação que pode desencadear – ponto em que o ensino se conecta intimamente com a pesquisa. A hipótese que gostaríamos de sugerir aqui é de que a renovação da psicanálise que Lacan formulava pela via do encontro com o impossível no ensino tem a ver, mais fundamentalmente, com sua

dimensão de *pesquisa* – dimensão que o ensino convoca, mas não lhe é exclusivo, implicando aí uma dose de invenção em que cada um pode colocar algo de si para produzir uma enunciação nova quanto à psicanálise, a partir de sua própria relação ao inconsciente.

O ponto a destacar é que Lacan tomava a posição de quem ensina – incluindo a sua própria – como uma posição *analisante*; ensina-se como analisante, não como analista, e é daí que algo pode se transmitir, a partir do modo como se faz passar o ponto em que cada um está na relação ao próprio inconsciente, convocando certa ultrapassagem do recalque ao negociar com o seu “*não quero saber de nada disso*” – como declara na abertura do Seminário 20: “em relação a vocês, só posso estar aqui em posição de analisante do meu *não quero saber de nada disso*” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 9, grifos do original).

Miller (1993-1994/2011) proporrá pensar, então, que a solução oferecida por Lacan para que um analista se mantenha em posição analisante é o ensino; e que o ensino que interessa à psicanálise não vem da repetição de um saber pronto, mas de um colocar-se em posição de investigação sobre uma questão que lhe causa e que convoca os limites do próprio saber, na borda de sua ignorância. Nossa proposta aqui é que essa segunda maneira, mais radical, de pensar o ensino – isto é, o ensinar nos limites do próprio saber – toca, assim, a posição do pesquisador, já que não só Freud, também Lacan e Miller preservaram, ao longo de sua trajetória, uma relação íntima com a pesquisa em seu modo de ensinar, mesmo sem se restringirem aos moldes universitários. Vale observar que Miller reconhecia sustentar essa mesma posição em seu Curso de Orientação Lacaniana, ao dizer:

Os cursos que posso ministrar a vocês, que eu diga ou não, estão sempre ligados, por assim dizer, a um de meus sonhos. Sempre parto de um *Einfall*, de uma ideia que me passa pela cabeça. Tenho um esboço, claro, os matemas, mas não venho jamais, diante de vocês, o mesmo. Venho sempre como um sujeito do inconsciente, pelo menos gosto de crer nisso. É nessa disciplina que encontro o motor para prosseguir ainda a elucidar, após tantos anos, sem dúvida, a prática analítica que nos ocupa a todos, coletivamente; porém, a elucidar, mais secretamente, mais discretamente, o que, como sujeito, me motiva a desejar, a amar e a falar (Miller, 2008-2009/2011, p. 38).

Ou seja, no fundo, se é um pesquisador do próprio inconsciente, conectado, portanto, com aquilo que opera como causa do desejo para cada um. Temos aí uma ponte para pensar o pesquisador em posição analisante, como proposto por Jeferson Machado Pinto (2009) – psicanalista que foi professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) –, na medida em que o pesquisador é alguém que, da sua divisão, endereça um enigma à universidade, mobilizado por um desejo de saber sobre uma questão que o toca, a partir das pistas e das lacunas encontradas no campo do Outro (nos textos já existentes sobre um tema, por exemplo). Podemos situar, assim, a analogia entre o pesquisador e o analisante a partir de uma assunção do desejo de saber – franqueando o horror, o “*não querer saber*” que acompanha o recalque – ao formular uma questão de análise ou de pesquisa. É certo que essa assunção terá de se atualizar diversas vezes ao longo da própria pesquisa, já que a força do recalque continua a atravessar o pesquisador em seu percurso.

PESQUISAR A PARTIR DA PRÓPRIA DIVISÃO, EXTRAIR DELA UM OBJETO

Pesquisar em psicanálise implica, portanto, estar avisado de sua relação ao inconsciente, com as consequências que isso acarreta: inibição, sintoma e angústia, na melhor veia freudiana, fazendo aparecer o estilo de endereçamento ao Outro da transferência de cada um, o que se apresenta em sua relação ao saber, aos colegas, ao orientador, à universidade, ao analista, bem como à própria psicanálise, não sem o que significará, em cada trajetória, o fato de cursar um mestrado ou um doutorado.

Mas, assim como de um analisante, pode-se esperar, de um pesquisador (e, mais ainda, de um pesquisador-analisante), uma produção. Pois uma pesquisa pode ser um dos lugares de elaboração da relação de alguém à própria psicanálise, por convidar a uma enunciação nova quanto a um ponto que lhe toca, permitindo a declaração de sua implicação subjetiva num tema, a inscrição de um ponto de seu desejo no campo da psicanálise. Não à toa, as questões de pesquisa são muitas vezes também questões de análise, caminhando lado a lado, mas, no melhor dos casos, sem se confundirem.

Quando eleito, um tema se torna, assim, elemento agalmático, objeto *a* que vetoriza a causa do desejo de um pesquisador, mas não menos sua angústia e seu mais-gozar. Assim, é preciso pesquisar a partir da divisão, mas também conseguir arrancar-se dela, isto é, servir-se da divisão para dali extrair um objeto, sem permanecer fascinado pela sua questão. Precipitar uma extração desse objeto – implicado na realização da escrita – é o desafio para se concluir uma pesquisa, ponto onde diversas defesas subjetivas se ativam. Como extrair algo da divisão? É com essa pergunta que propomos agora uma breve incursão por três testemunhos de passe em que é tocada a relação de cada uma dessas analistas, enquanto na posição de analisantes, com sua pesquisa de doutorado.

Em seu testemunho “*Trace d’un dédoublement* [Marca de um desdobramento]”, Clotilde Leguil (2021) localiza a “corrida” (p. 114, tradução nossa) em que se colocava, movida pela força de sua submissão a um imperativo superegóico ligado ao lugar da “primeira” (p. 115, tradução nossa): ter de estar à altura da “primeira”, em referência a uma irmã perdida, que teria vindo ao mundo antes dela, mas que logo faleceu. Sua primeira experiência de análise se conclui com uma decisão de suspender a escrita de sua tese, consentindo com não se “forçar” – decisão que lhe trouxe alívio. Estava em jogo um momento de recrudescimento do poder do supereu em sua história, como uma “luta pela vida” sobre o fundo de uma “prova de perda”, devido à morte de sua mãe. Destaca-se a dimensão imperativa desse supereu que acompanhava sua relação com a pesquisa, tendo sido preciso uma construção em análise para dar lugar à possibilidade de “parar”. Posteriormente, a segunda experiência de análise fez reconhecer a necessidade de introduzir um vazio, que permite “retomar o fôlego” (p. 117, tradução nossa), o que lhe abriu uma nova relação com a escrita, mais ligada a essa experiência do vazio, em vez de lançar-se na corrida a serviço do supereu mortífero.

No testemunho “*Sutilezas de la erotomanía en la experiencia analítica*”, Elena Levi Yeyati (2019) relata que, na época em que escrevia sua tese de doutorado, não falava nada a respeito com seu analista, isto é, deixava-o “fora da suposição de saber” (p. 115, tradução nossa). Falava da tese apenas com seu marido, também psicanalista. Já havia feito análise por mais de 15 anos, sustentando uma transferência com sutis notas erotomaniacas, pela relação com o ideal de homem sábio, o “professor” (p. 109, tradução nossa) do qual queria o

olhar – para ser “uma jovem muito desejada à primeira vista” (p. 111, tradução nossa), redução de seu fantasma, à espera de um olhar arrebatador. No contexto bastante particular de sua escrita, seu movimento já era de uma separação em relação ao Outro encarnado pelo analista, tratando de “apropriar-se” (p. 115, tradução nossa) de sua produção, de “querer saber por si mesma”, subtraindo-se da face amorosa que marcava o endereço transferencial.

Decidiu deixar o analista, sem saber se havia concluído sua análise. Essa separação produz uma dor que evoca a extração do objeto olhar em sua vida. Era uma dor de dente, que a obrigou a ver um dentista por sete meses seguidos. Mas era também a reta final de escrita de sua tese. Assim que a defendeu, “a dor remitiu por completo” (p. 108). Era uma dor que reenviava, ainda, à sua memória mais antiga, aos 23 meses de idade, em que é levada pela mãe para extrair seus primeiros dentes sob anestesia geral. Por fim, considera que a separação concretizada “foi um alívio e foi criativa”: “finalizei e defendi uma tese de doutorado; publiquei-a como livro e senti uma curiosa liberação para me desenvolver como analista” (p. 116). Houve uma articulação temporal entre a conclusão da tese e a conclusão de sua análise, que só no *a posteriori* tomou valor de final, tendo deixado o analista alguns meses antes; e, embora o processo final da escrita e a defesa tenham sido bastante doloridos, a conclusão da tese foi acompanhada de uma sensação de liberação, correlata da separação do olhar como objeto transferencial.

Por fim, no testemunho “Mis amores”, Irene Kuperwajs (2019) localiza um impasse: “Não podia sair da análise nem terminar minha tese sobre os finais de análise e sua transmissão” (p. 25, tradução nossa). Isto é, assim como não conseguia concluir a tese sobre finais de análise, também não conseguia concluir sua própria análise; isso implicava se haver com o problema do final, tendo de franquear um momento de transferência negativa, um sentimento de estar farta de sua própria análise. Sua dificuldade era com sair; pressupunha que essa saída, o final, seria o encontro com um vazio; mas, para sua surpresa, percebe que junto ao vazio está o que há, o ineliminável do gozo, com o qual é preciso fazer de outra forma, uma forma que passa a trazer satisfação – ponto da conclusão de sua análise e que podemos ler também em sua tese.

Os testemunhos de passe de Clotilde Leguil (2021), Elena Yeyati (2019) e Irene Kuperwajs (2019) mostram, assim, cada uma à sua maneira, que o fato de fazer uma pesquisa não é indiferente ao percurso de uma análise; que as teses de doutorado são temas importantes inclusive na própria análise, não podendo ser desvinculadas daí, indicando a relação do lugar de pesquisadora com a posição analisante. Em cada uma, a relação com a divisão subjetiva e com o objeto que causa seu desejo entra em jogo. Podemos considerar que o desenrolar de uma pesquisa permitirá, assim, a surpresa pelos desdobramentos do trajeto, em que o objeto se decanta de formas outras que na partida, pela contingência do encontro com o que foi possível produzir, efeito de redução que pressupõe uma subjetivação da castração – sua perda e seus ganhos, bem como uma transmutação do próprio sujeito:

No caso dos estudantes, vemos, por exemplo, aqueles que querem estudar anorexia, mas descobrem, após o mesmo procedimento de redução efetuado por um paciente em análise, que esse assunto é apenas um recurso para estudar o desejo da mãe. Outros estudam a teoria dos discursos, mas percebem, após questionar a lógica de sua questão, que se interessam realmente é pelo estatuto do ato analítico. Alguns pretendem entender aspectos da psicose, mas a tese versa, de fato, sobre manifestações transferenciais

ou limites da psicanálise. Outros querem estudar, ainda, a moda, mas o foco é o lugar do vestuário na sustentação da máscara da feminilidade, etc. (Pinto, 2009, p. 10).

Fato é que uma dissertação ou uma tese, que é o produto universitário da pesquisa – e não o único –, pode transmitir o que fez marca de formação no percurso de alguém, por meio dos clarões de saber e do ganho de enunciação gerados no ponto até onde foi possível levar sua relação com seu “(não) querer saber” naquele momento, endereçando esse produto à universidade e, mais amplamente, ao próprio campo da psicanálise e, eventualmente, também da cultura, quando não raro esses produtos se transformam em livro, veiculando um desejo de circulação entre vários daquilo que se produziu nesse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 1999, Jeferson Machado Pinto (1999) afirmava que o endereçamento à universidade servia para legitimar a vocação científica da psicanálise. Quase 30 anos depois, gostaríamos de resgatar esse debate, pela intuição de que ele possa hoje se ampliar. Nossa proposição, acompanhando o significante de Lacan, “renovação”, é de que a relação com a universidade seja uma aposta na conexão da psicanálise com o contemporâneo, apontando para a atualidade de seu campo, pela capacidade de recolocar à prova seu saber constituído, fazendo-o conversar com os desafios do século XXI. A universidade pode operar, assim, para a psicanálise, como antena para as questões contemporâneas, oferecendo-lhe também uma janela para sua renovação, retirando-a de seu fechamento no próprio campo e relançando-a ao novo.

Abrem-se aqui duas vertentes dessa chance de renovação: de um lado, por escutar o modo como a época interpreta os sintomas da psicanálise e as resistências dos psicanalistas, que ganham aí um lugar de tratamento possível; de outro lado, por também permitir respostas analíticas à época, na medida em que a psicanálise possa oferecer uma abordagem das questões contemporâneas a partir de um lugar que as descentre de si mesmas, pela inclusão de sua relação com o inconsciente, desativando imperativos que muitas vezes acompanham as “ciências propagadas à moda universitária”.

Nesse cenário, gostaríamos de concluir localizando um risco e declarando uma aposta. Pois, se há um risco na relação à universidade, é que a psicanálise seja reduzida a um saber, isto é, separada de sua experiência como se fosse um conjunto de conceitos ou de formulações teóricas abstratas que se poderiam reformular livremente conforme nossos ideais, subordinada aos imperativos da época. Sua relação com outros saberes não deve ser de dominação – da psicanálise que tudo sabe e, portanto, tudo ensina aos demais –, mas tampouco de submissão – de uma psicanálise que fica submetida a um saber tomado como Outro do Outro, garantidor de uma verdade da verdade, seja da ordem das neurociências ou das evidências, seja da ordem dos ativismos ou dos movimentos de emancipação política. O que interessa é o encontro de heterogeneidades que produza efeitos, mas permitindo explorar, e não dissolver, a diferença entre discursos.

Nesse sentido, sustentamos como bússola ética e metodológica manter a pesquisa em psicanálise próxima do solo de sua experiência, isto é, próxima de uma experiência do inconsciente, solo de onde os seus conceitos surgem e que é também o solo que permitirá renová-

la, recolocando-a em jogo a cada vez, para que ela não seja reduzida a um conjunto de termos envelhecidos ou a um mero saber acusado ora de eurocêntrico, ora de cientificamente antiquado, que poderia, portanto, ser apenas substituído ou remodelado nas prateleiras dos saberes contemporâneos. Convém aqui a posição de um pesquisador-analisante, que possa se enunciar a partir de sua divisão, e não a partir de uma posição de mestre do saber. Pois não se trata de transformar a psicanálise sem consentir em ser também, antes e ao mesmo tempo, transformado por ela, sustentando a posição de analisante em sua relação ao próprio inconsciente.

Finalmente, para levar adiante a escrita e concluir uma pesquisa, a divisão subjetiva não basta; é preciso arrancar-se da divisão, extraíndo dela um objeto – ponto que se refere tanto à produção direta da pesquisa, materializada na escrita da dissertação e/ou da tese, quanto à transmutação que acompanha essa produção no âmbito da análise, como vimos com os testemunhos de passe em que estavam em jogo o objeto olhar para Elena Yeyati (2019), o imperativo superegótico da “corrida” para Clotilde Leguil (2021) e a dificuldade de “sair”, de encontrar-se com o vazio, para Irene Kuperwajs (2019). As formas e o estatuto desse arrancar-se da divisão subjetiva apontam, aqui, para um tema a ser explorado em futuras pesquisas, bem como para as respostas que serão dadas materialmente na trajetória de cada um dos pesquisadores-analisantes, que se arriscam a produzir nessa interface complexa e pulsante entre psicanálise e universidade.

REFERÊNCIAS

- Kuperwajs, I. (2019). Mis amores. *Mediodicho*, 45, 119-127.
- Lacan, J. (1978). Transfert à Saint-Denis? Lacan pour Vincennes. *Ornicar?*, 17-18.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1969-1970).
- Lacan, J. (2003). Talvez em Vincennes? In Lacan, J., *Outros escritos* (pp. 316-318). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1975).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1972-1973).
- Leguil, C. (2021). Trace d'un dédoublement. *La Cause du Désir*, 207, 114-117.
- Miller, J.-A. (2011). *Donc: la lógica de la cura*. São Paulo: Paidós. (Obra original publicada em 1993-1994).
- Miller, J.-A. (2011). *Perspectivas dos escritos e outros escritos de Jacques Lacan: entre desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 2008-2009).
- Pinto, J. M. (1999). A instituição acadêmica e a legitimação da vocação científica da psicanálise. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 12(3). Recuperado em 22/08/2026 em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/55KBpQ8DrKK8rTGcNvfz99k/?lang=pt>>.
- Pinto, J. M. (2009). Uma política de pesquisa para a psicanálise. *CliniCaps*, 7, 1-18. Recuperado em 22/08/2026 em: <https://www.clinicaps.com.br/clinicaps_pdf/Rev_07/Revista%207%20art%202.pdf>.
- Yeyati, E. L. (2019). Sutilezas de la erotomanía en la experiencia analítica. *Mediodicho*, 45, 107-116.

Research from the Position of an Analysand: The Renewal of Psychoanalysis and Lacan's Teaching

Abstract

This text is a theoretical-conceptual essay that examines research in psychoanalysis through its relation to the researcher's subjective division, tied to the cause of their desire, which can be explored as a vector for renewing psychoanalysis within the field of teaching. We propose the hypothesis that such renewal in teaching is linked to the dimension of research, drawing on Lacan, Miller, and other contemporary authors. Despite the tension highlighted by Lacan between the analytic discourse and the university discourse, the psychoanalyst did not give up the bond with the university, especially after May 1968. In his later writings, Lacan introduces the signifier "renewal" to think the transmission of psychoanalysis at the university, implying that teaching is not merely the reproduction of established content but an experience in which each person is compelled to invent, putting something of themselves into play through their relation to the unconscious. Thus, the teaching of psychoanalysis is supported by an analysand position rather than a position of mastery, fostering its renewal and enabling the transmission of a point of cause on the part of the teacher. In this context, the university may function as an "antenna" for contemporary issues, keeping psychoanalysis in dialogue with the challenges of its time. Our claim is that, even within the university setting, doing research in psychoanalysis involves making use of subjective division, highlighting the researcher's analysand position in relation to their unconscious, which promotes the production of a new enunciation grounded in the singular element that causes their desire. We explore this dimension through fragments of three pass testimonies in which the writing of a doctoral thesis intersected with the analytic experience. The figure of the researcher-analysand thus appears as a pathway to keeping psychoanalytic transmission and research alive in the twenty-first century.

Keywords: Research, Psychoanalysis, Analysand, Analytic discourse, University discourse.

Investigar desde la posición de analizante: la renovación del psicoanálisis y la enseñanza en Lacan

Resumen

Este texto es un ensayo teórico-conceptual que examina la investigación en psicoanálisis a partir de su relación con la división subjetiva del investigador, articulada con la causa de su deseo, la cual puede ser explorada en vistas a la renovación del psicoanálisis en el ámbito

de la enseñanza. Sostenemos la hipótesis de que dicha renovación en la enseñanza está ligada a la dimensión investigativa, desplegando referencias de Lacan, Miller y otros autores contemporáneos. A pesar de la tensión señalada por Lacan entre el discurso analítico y el universitario, el psicoanalista no renunció al lazo con la universidad, especialmente después de mayo del 68. En escritos tardíos, Lacan introduce el significante “renovación” para pensar la transmisión del psicoanálisis en la universidad, implicando que enseñar no es simplemente reproducir un contenido dado, sino una experiencia en la que cada uno es forzado a inventar, poniendo algo de sí a partir de su relación con el inconsciente. Así, la enseñanza del psicoanálisis se sostiene en una posición analizante, y no de maestría, favoreciendo su renovación así como la transmisión de un punto de causa de quien enseña. En este contexto, la universidad puede funcionar como una “antena” para cuestiones contemporáneas, manteniendo el psicoanálisis en diálogo con los desafíos de su tiempo. Sostenemos que, incluso en el contexto universitario, investigar en psicoanálisis implica hacer uso de la división subjetiva, subrayando la posición analizante del investigador en su relación con el propio inconsciente, lo cual favorece la producción de una enunciación nueva a partir del elemento singular que causa su deseo. Exploramos esta dimensión a partir de fragmentos de tres testimonios de pase en los cuales la escritura de la tesis atravesó el recorrido analítico. La posición del investigador-analizante aparece, entonces, como una vía para mantener viva la transmisión y la investigación en psicoanálisis en el siglo XXI.

Palabras clave: Investigación, Psicoanálisis, Analizante, Discurso analítico, Discurso universitario.

Faire de la recherche depuis la position d’analysant : le renouvellement de la psychanalyse et l’enseignement chez Lacan

Résumé

Ce texte est un essai théorique-conceptuel qui examine la recherche en psychanalyse à partir de sa relation avec la division subjective du chercheur, articulée à la cause de son désir, dimension qui peut être explorée en vue d’une rénovation de la psychanalyse dans le champ de l’enseignement. Nous avançons l’hypothèse que cette rénovation est liée à la dimension de la recherche, en déployant des références à Lacan, Miller et à d’autres auteurs contemporains. Malgré la tension que Lacan souligne entre le discours analytique et le discours universitaire, le psychanalyste n’a pas renoncé au lien avec l’université, notamment après Mai 68. Dans ses écrits tardifs, Lacan introduit le signifiant « rénovation » pour penser la transmission de la psychanalyse à l’université, impliquant qu’enseigner n’est pas seulement reproduire un contenu donné, mais une expérience où chacun est forcé d’inventer, en mettant quelque chose de soi à partir de sa relation à l’inconscient. Ainsi, l’enseignement de la psychanalyse

Lima, V.M.

s'appuie sur une position d'analysant, et non de maîtrise, ce qui favorise sa rénovation ainsi que la transmission d'un point de cause de celui qui enseigne. Dans ce contexte, l'université peut devenir une « antenne » des questions contemporaines, maintenant la psychanalyse en dialogue avec les défis de son époque. Nous soutenons que, même dans le contexte universitaire, rechercher en psychanalyse implique de faire usage de la division subjective, en soulignant la position d'analysant du chercheur dans son rapport à son propre inconscient, ce qui favorise la production d'une énonciation nouvelle à partir de l'élément singulier qui cause son désir. Nous explorons cette dimension à partir de fragments de trois témoignages de passe dans lesquels l'écriture de la thèse a traversé le parcours analytique. La position du chercheur-analysant apparaît ainsi comme une voie pour maintenir vivantes la transmission et la recherche en psychanalyse au XXI^e siècle.

Mots-clés: Recherche, Psychanalyse, Analyzant, Discours analytique, Discours universitaire.

Recebido: 11/09/2025

Revisado: 25/11/2025

Aceito: 19/12/2025